

Produção jornalística na fronteira: uma busca pela compreensão do que os jornalistas fronteiriços entendem por gêneros jornalísticos¹

Clarissa Josgrilberg PEREIRA²
Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo, SP

Resumo

Identificar a compreensão que os jornalistas das duas principais fronteiras existentes em Mato Grosso do Sul possuem sobre gêneros jornalísticos é o principal objetivo deste artigo. Para alcançá-lo foi realizada uma entrevista semiestruturada com um jornalista de cada principal veículo impresso fronteiriço das quatro cidades envolvidas na pesquisa, ou seja, Ponta Porã e Corumbá-Brasil, Pedro Juan Caballero- Paraguai, e Puerto Quijarro- Bolívia. Verificou-se que a falta de estrutura de trabalho é um fator determinante na produção jornalística e que os profissionais que atuam na fronteira não têm plena clareza sobre o que são gêneros jornalísticos.

Palavras-chave: Fronteira. Produção jornalística. Gêneros jornalísticos.

Introdução

Na dissertação de mestrado “Entre limites e possibilidades: o estudo dos gêneros jornalísticos nas fronteiras de Mato Grosso do Sul” buscamos compreender como se dá a produção dos gêneros jornalísticos, um produto cultural, em um local que, a princípio, é formado por duas culturas, a fronteira. Para isso, analisamos os jornais que circulam nas duas principais fronteiras de Mato Grosso do Sul. Ou seja, a existente entre Ponta Porã-Brasil, e Pedro Juan Caballero-Paraguai, e a existente entre Corumbá-Brasil, e Puerto Quijarro-Bolívia. Além disso, realizamos entrevistas com os jornalistas e com os leitores dos impressos analisados.

Neste artigo fizemos um recorte e baseamo-nos no sexto capítulo da dissertação que busca compreender como os jornalistas da fronteira compreendem os gêneros jornalísticos. Para isso estruturamos esse artigo em quatro tópicos. O primeiro traz uma breve contextualização sobre o posicionamento teórico que autora tem sobre o conceito de gêneros e formatos jornalísticos. O segundo contextualiza as fronteiras e os veículos envolvidos. O terceiro aponta a compreensão que os jornalistas fronteiriços têm sobre gêneros jornalísticos.

¹ Trabalho apresentado no GP Gêneros Jornalísticos do XIV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo, UMESP. Jornalista. Docente da Faculdade do Interior Paulista – FAIP e do ensino a distância do Centro Universitário da Grande Dourados – Unigran. E-mail: clarissa.jpereira@hotmail.com

E o quarto aborda as condições de trabalho relatadas pelos profissionais entrevistados, uma vez que ela foi tida como determinante na produção jornalística.

Para elaboração deste trabalho partimos de uma pesquisa bibliográfica qualitativa que objetiva a auxiliar na compreensão das entrevistas coletadas. Os jornalistas entrevistados foram escolhidos conveniência, ou seja, não houve nenhum critério de seleção, ouvimos aqueles que estavam disponíveis e dispostos a colaborar com a pesquisa. Todas as entrevistas foram semiestruturadas, ou seja, partiram de um roteiro pré-estabelecido de pontos que deveriam ser abordados. Importante mencionar que para a realização das entrevistas obteve-se a aprovação do Comitê de Ética da Universidade Metodista de São Paulo, sob o parecer de número 270.716. Portanto, seguindo-se os critérios éticos estabelecidos, todas as entrevistas realizadas são mantidas no anonimato.

Entre os principais aspectos abordados nas entrevistas estavam a compreensão que os jornalistas têm sobre gênero e gênero jornalístico, a visão que eles têm sobre os formatos que mais produzem, como eles escolhem a produção dos formatos, a relação que eles veem entre fronteira e gêneros jornalísticos e, aos formados, sobre o estudo ou não dos gêneros jornalísticos durante a faculdade.

Por meio dos relatos ficou clara uma proximidade existente entre as fronteiras no que tange as condições de trabalho, as quais foram tidas como determinantes para o tipo de produção jornalística realizada. Também ficou nítida a pouca compreensão que os jornalistas têm sobre gêneros jornalísticos, essencialmente os brasileiros.

1. Contextualizando os gêneros jornalísticos

Em nossa concepção para estudar gêneros jornalísticos, primeiramente, é necessário ter a compreensão sobre o que é jornalismo. Todavia, muitas vezes, nas mídias de interior, o jornalismo existente está longe de ser o ideal ao levarmos em consideração os critérios de noticiabilidade ou o caráter publicístico que, por exemplo, possui. Por outro lado, é, por sua vez, o que há disponível à população local, é o que a ela é entregue como jornalismo. Nessa perspectiva, os estudos dos gêneros jornalísticos contribuem, uma vez que permitem o diagnóstico da identidade de uma mídia impressa. Além disso, como diz Marques de Melo (2003, p.41) é um “[...] ponto de partida seguro para descrever as peculiaridades da mensagem (forma/conteúdo/temática) e permitir avanços na análise das relações socioculturais (emissor/receptor) e político-econômicas [...] que permeiam a totalidade do jornalismo”.

Até 2003 as pesquisas dos gêneros jornalísticos seguiam uma definição mais consensual. Nas pesquisas desse período, categorizavam-se esferas comunicativas como as

pertencentes ao jornalismo, nas quais se incluíam a interpretativa, a opinativa e a informativa. E como gêneros jornalísticos, definia-se o “produto” propriamente dito, ou seja, a reportagem, o artigo e a notícia, por exemplo. Esse posicionamento está presente na tese de livre docência do professor José Marques de Melo (2003, p.42) como, por exemplo, no trecho: “vimos que historicamente a diferenciação entre as categorias *jornalismo informativo* e *jornalismo opinativo* emerge da necessidade sociopolítica de distinguir os fatos (News/stories) das suas versões (comments) [...]”. No mesmo livro, na página 51, o autor também traz a reportagem, o artigo e a crônica como gêneros.

Quando verificamos a bibliografia referente aos gêneros presentes na mídia televisiva geralmente encontramos a mesma definição acima mencionada. Em “Televisão levada a sério”, de Arlindo Machado, e em “Gêneros e formatos na televisão brasileira”, de José Carlos de Souza há a conceituação de categorias como a jornalística e a de entretenimento; e a de gêneros como “o produto”, ou seja, programa de auditório, série, novela, documentário, *reality show*, etc. Já o termo formato, na televisão, passa a ser “[...] a ‘forma’, a característica que ajuda a definir o gênero” (SOUZA, 2004, p.45). Ou seja, o formato seria o “ingrediente” que vai configurar o gênero como, por exemplo, o formato ao vivo de um telejornal.

Por outro lado, os estudos mais relacionados ao jornalismo, em especial, ao jornalismo impresso veem, geralmente, o formato como sendo a própria notícia e o gênero como, o que nos estudos de televisão, estaria mais próximo à categoria como, por exemplo, a opinativa. Essas definições são possíveis de serem encontradas no livro “Gêneros Jornalísticos no Brasil”, de 2010 e no “Gêneros Jornalísticos, teoria e práxis”, de 2012, entre outros títulos. A última classificação feita por Marques de Melo e publicada por seus orientandos da época está presente na obra 2010, em que são definidos como gêneros o diversional, o informativo, o interpretativo, o utilitário e o opinativo. Sobre essa questão, Lia Seixas (2012, p.41) faz uma importante contribuição ao afirmar que “no campo jornalístico, além da divisão de gêneros jornalísticos que seriam os gêneros **do** jornalismo, também existe uma divisão do fazer jornalístico em gêneros **de** jornalismo. Informativo, interpretativo, de aprofundamento, investigativo, opinativo, diversional [...]”. Essa questão retoma a própria etimologia da palavra em que gênero pode representar tanto o estilo quanto os produtos.

Já sobre a alteração que houve com o passar do tempo dos gêneros em formatos, compreendemos que contribui para se alcançar uma padronização de nomenclaturas. Ao levarmos em consideração a mídia em que o gênero está inserido, ele poderia exercer ora a função de formato, ora a de gênero. Em uma estrutura rígida como jornal impresso, por exemplo, a entrevista pode ser um gênero, já em um telejornal a entrevista pode ser um

formato do gênero telejornal. Essa flexibilidade que o formato e o gênero adquirem conforme a plataforma em que estão inseridos muitas vezes confunde e trai o próprio pesquisador. Por isso torna-se compreensível unificar o pensamento de que notícia é um formato independentemente do meio em que esteja inserida. O quadro a seguir sistematiza essa informação:

Quadro 1 – Exemplificação da notícia como formato

Meio	TV	Impresso
Classificação		
Gênero de Jornalismo	Informativo	Informativo
Gênero do Jornalismo	Telejornal	
Formato	Notícia	Notícia

Fonte: autoria própria.

Posto isso, deixemos agora que a classificação de gêneros e formatos jornalísticos que adotamos é a exposta em Marques de Melo (2010), a qual está sistematizada no quadro a seguir. Embora, na dissertação a tenhamos contrastado e discutido com as classificações existentes tanto na literatura Paraguaia (POZZO, 2007), quanto na Boliviana (RIVADENEIRA, 1996).

Quadro 2 – Gêneros e formatos brasileiros

Gêneros de Jornalismo	Gêneros do jornalismo/Formato
Informativo	Nota, notícia, reportagem e entrevista.
Opinativo	Editorial, comentário, artigo, resenha (crítica), coluna, crônica, caricatura, charge e carta.
Interpretativo	Dossiê, perfil, enquete e cronologia.
Diversional	História de interesse humano e história colorida.
Utilitário	Indicador, cotação, roteiro, serviço, dica e olho.

Fonte: levantamento da pesquisadora baseado em Marques de Melo (2010)

Não entraremos na discussão e no esclarecimento de cada gênero, pois tal ação não está englobada no objetivo deste artigo, contudo toda a discussão sobre cada um dos gêneros

e, inclusive, os comparativos com os gêneros paraguaios e bolivianos podem ser encontrados na dissertação da autora (PEREIRA, 2013). Além disso, tal descrição não se faz necessária no presente artigo, uma vez que as entrevistas não chegaram a abordá-la. Vejamos no próximo tópico, quais são as localidades e os veículos envolvidos nessa pesquisa.

2. As fronteiras e os veículos envolvidos na pesquisa

A cidade paraguaia envolvida neste estudo é Pedro Juan Caballero, capital do Departamento de Amambai do Paraguai e, portanto, possuidora de certa representatividade política no país. Do lado oposto, Ponta Porã exerce um papel completamente distinto, pois é apenas um dos 5.565 municípios existentes no Brasil (IBGE, 2010 - online). Nesta localidade há o que popularmente chamam de “fronteira seca”, ou seja, nada separa esses dois países; basta atravessar uma rua que se passa a pisar no outro país.

Já na fronteira da Bolívia está o município de Puerto Quijarro, o qual não tem forte representatividade política, “localiza-se a leste do Departamento de Santa Cruz na Bolívia, cuja capital é Puerto Suarez” (SANTOS JUNIOR, 2010, p.46). Do outro lado da fronteira está Corumbá, a cidade brasileira. Diferentemente da outra área fronteiriça que estudamos, a boliviana não possui uma fronteira seca, há uma pequena aduana que separa Puerto Quijarro de Corumbá, entretanto “a população, principalmente a boliviana, atravessa a fronteira constante e livremente para trabalhar e utilizar serviços na área da educação e da saúde” (OTA, 2006, p.15).

Nessas duas localidades entrevistamos quatro jornalistas, um de cada veículo. Na fronteira entre Paraguai e Brasil são o **Jornal Regional**, único diário brasileiro do local e o **ABC Color**, jornal nacional de maior tiragem e importância do país paraguaio. Na fronteira entre Brasil e Bolívia foram analisados os jornais **Diário Corumbaense**, o que mais circula durante a semana na cidade, e **La Estrella del Oriente**, jornal de circulação nacional e único que é facilmente encontrado na fronteira, que possui um correspondente e sobre o qual não encontramos nenhum estudo.

É importante esclarecer que, do lado brasileiro, os veículos analisados (Jornal Regional e Diário Corumbaense) são locais, entretanto tanto os da Bolívia quanto os do Paraguai são nacionais, uma vez que não há produção de jornalismo local na cidade boliviana e apenas alguns semanários de circulação não regular no município paraguaio. Passemos, agora, a descrição da compreensão que os jornalistas têm sobre gêneros jornalísticos.

3. Gêneros jornalísticos pela perspectiva dos jornalistas fronteiriços

Ao tentarmos buscar o entendimento que os jornalistas possuíam sobre gêneros jornalísticos encontramos respostas vagas e pouco domínio sobre o conceito. Na fronteira com o Paraguai, o jornalista brasileiro disse que não teve conteúdos relacionados ao gênero jornalístico na faculdade. Questionado sobre a ausência de um editorial no veículo em que atua, respondeu: “o nosso editorial é esporádico. Quando tem editorial é assunto local e, muitas vezes, acaba que não tem. Tem que ser um assunto relevante e esse é motivo pelo qual a gente não tem um editorial todo o dia”.

Além disso, sobre os produtos jornalísticos o entrevistado respondeu que a preocupação da produção jornalística está na temática e não mais se dispôs a discutir a questão. Já o jornalista paraguaio, por sua vez, demonstrou compreensão sobre o que falávamos, mas abordou a questão de forma geral, disse que em seu país há pouco material e pouco estudo sobre a área. Todavia, apresentou clara distinção entre o que é informação e o que é opinião.

Na fronteira entre Brasil e Bolívia também obtivemos poucas respostas específicas sobre os gêneros e os formatos jornalísticos, muito provavelmente pela própria falta de formação na área, uma vez que são questões bem específicas. O jornalista boliviano diferenciou sua atuação entre os gêneros opinativos e informativos. Segundo ele, “o jornal não me permite na notícia dar minha opinião. A notícia é notícia e não tenho eu porque opinar se eu penso isso bem ou mal, isso não entra em meu trabalho como correspondente. Essa é outra orientação que nos dão”. Já o brasileiro apontou que a falta de tempo condiciona o tipo de texto produzido. Para ele, “a gente não tem tempo aqui, os textos basicamente são todos descritivos, não tem um opinativo. Nos textos mesmo não dá para fazer uma reportagem, a gente tem o compromisso de fazer o dia a dia, a gente tem até a vontade, mas não dá”.

O aproveitamento de produtos prontos e publicados em outras mídias também foi uma realidade constatada nas duas entrevistas. Todavia, no caso da Bolívia, tal ação ocorre mais para conseguir informações sobre a fronteira brasileira. Para ele,

A página digital para gente é importantíssima. Sobre Corumbá, nós sabemos no momento em que sobe notícia. Através disso vamos “piranhando” como dizemos aqui. Se tem algo com boliviano ou com aqui, nós usamos a notícia e citamos a fonte de informação. Se é do Capital do Pantanal, tenho que dizer que é do Capital do Pantanal em minha nota. É fundamental isso.

Já para o entrevistado brasileiro, as outras mídias locais do Brasil pouco produzem e muito utilizam os conteúdos do veículo onde trabalha sem respeitar a autoria dos textos. Conforme relatou:

Hoje com o advento da internet quem produz notícia hoje aqui, TV que é um formato diferente e tem que produzir, a gente aqui do Diário todo dia tem que ter textos nossos, se a gente quer credibilidade tem que realmente fazer o papel do jornalismo. Agora, o resto, nas rádios, leem todas as nossas notas, notícias, sem dar crédito. Agora chegou ao cúmulo porque eu falei gente vamos diversificar, vamos colocar os áudios de alguns trechos de entrevistas, um vídeo, só para ilustrar além da foto. Começamos a fazer isso, a gente não levou o susto? Liga o rádio e pô era áudio nosso.

O mesmo reaproveitamento de materiais de mídias locais, regionais e nacionais foi relatado nas entrevistas coletadas na fronteira com o Paraguai. Além disso, a análise morfológica dos impressos realizada na dissertação também apresentou forte presença de materiais de outras mídias e, principalmente, de assessoria. Quanto à rotina produtiva, o jornalista boliviano conta que ele precisa produzir matérias referentes ao local onde está, ou seja, Puerto Suarez, Puerto Quijarro e Arroyo Concepción e que na prática o que define a publicação ou não do que produz é a qualidade. Conforme ele,

As matérias, na prática, é assim, nos limitam quando a notícia não está balanceada. Uma notícia tem que ter os dois lados [...] para que o jornal me dê espaço, porque é um periódico que tem bastante peso por ser um jornal nacional, então se eu dou a parte do denunciante, mas não vou ouvir o denunciado, não me dão espaço. Pela seriedade de trabalho que se exige, essa é uma das primeiras normas que temos como correspondente.

Já para o jornalista brasileiro, a rotina produtiva está sempre relacionada ao enfoque do local e à falta de tempo para trabalhar. “A gente procura sempre local, às vezes Ladário. Ai claro quando têm assuntos que supostamente afetam a fronteira aqui ai a gente faz [...]. A gente tem que produzir notícia do dia a dia e só. Às vezes você quer fazer uma matéria trabalhada e não dá”. Essa resposta deixa explícita a interferência que a estrutura das empresas jornalísticas exerce na produção de conteúdos. Por isso, o próximo item relata as estruturas nas quais os impressos fronteiriços estão inseridos.

4. Relatos sobre a estrutura de trabalho nos jornais fronteiriços

Abordar sobre a estrutura de trabalho é importante, pois ela interfere diretamente na produção jornalística. Há formatos que exigem mais estrutura, tempo de pesquisa e apuração

como, por exemplo, o dossiê em relação à nota. Além disso, a falta de condições de trabalho esteve presente em todas as entrevistas coletadas.

No lado brasileiro da fronteira paraguaia, a estrutura é pequena, são três jornalistas trabalhando em todo o impresso e para que a empresa se sustente é necessário que em algum grau dependa dos órgãos públicos. É o que esclarece o jornalista brasileiro:

Nós temos aqui publicidade do governo do estado, é um cliente, eles pagam pelo espaço da publicidade, mas nada condicionado à produção de matérias. Mas tem uma relação, por exemplo, o governo do estado é nosso cliente e é bom cliente. Quando chega uma matéria aqui a gente vai levar isso em consideração porque é uma relação de capitalismo, querendo ou não é uma relação mercantil. Então muitas vezes criticam: o governo do estado é cliente e eles não falam mal, mas se nós fôssemos sobreviver do assinante, a gente não sobreviveria. Isso não é o só o Jornal Regional, é da Rede Globo para baixo, mas no interior é mais difícil porque o índice de leitura é muito baixo, o gosto pela leitura, não digo só jornal, revista, livro, é muito baixo. Aí eu te pergunto como uma empresa vai sobreviver sem ter clientes institucionais, órgãos públicos? Não sobrevive.

Esse vínculo existente entre jornalismo e órgãos públicos foi levado em consideração pelo jornalista paraguaio. Segundo ele “O problema com o jornalista. Eu vejo muito grave na região é que hoje em dia os políticos são donos de jornais, de rádios, de televisão [...] então a linha editorial são eles mesmos que fazem”. Ainda, conforme o entrevistado, na cidade pontaporanense, a situação é ainda mais grave:

[...] os jornalistas brasileiros estão quase todos vendidos para a política. E por que isso? Os jornais são todos políticos. Se não são os políticos estão recebendo muito dinheiro em cima do estado. Então nós não podemos descer o porrete em cima do estado. Estão pagando isso, tem interesses. Ponta Porã tem dois jornais e os dois são dependentes da prefeitura, da propaganda da prefeitura. E para mudar tem que mudar os donos. Tem que ser jornalista. Senão não vai fazer um bom trabalho. O dono não se interessa pelo jornal, se interessa pelo dinheiro [...] o pior inimigo do jornalismo é o dinheiro.

No Paraguai, o jornalista conta que também há falta de estrutura, que nas rádios e nos sites jornalísticos é comum ter suas matérias expostas sem autorização e sem, ao menos, o crédito de autoria. O jornal brasileiro, por sua vez, comete o mesmo erro citado pelo jornalista paraguaio. Durante entrevista, ao citar um exemplo de um texto publicado o jornalista brasileiro comenta “o texto é da assessoria, não tem crédito, nós não colocamos o crédito aqui da assessoria”.

Voltando à questão das condições de trabalho, em ambas as cidades dessa fronteira elas são deficitárias. É o que exemplifica o jornalista paraguaio ao dizer que nas “rádios os

jornalistas não recebem nem o salário mínimo e se quiserem ainda podem pegar 30% da propaganda. Mas o que acontece, se prende o cara e eu tenho que ir lá que escrever e tirar foto como faço? Você está amarrado”, conta. Todavia a realidade dele é outra. Ele está livre para produzir o jornalismo que acredita. Tem carro, gasolina, casa, limpeza de residência, tudo pago pelo jornal em que é correspondente.

Por outro lado, essa segurança que o jornal deu ao entrevistado ele não conseguiu ter refletida na localidade onde está inserido. Há mais de 18 anos ele é obrigado a viver com permanente guarda policial, já teve a casa e o carro metralhados duas vezes cada. “Eu pessoalmente não posso caminhar na minha cidade, eu, nunca você vai me ver caminhando na cidade, nunca vai me ver num aniversário, você nunca vai me ver num casamento, você nunca vai me ver num restaurante, sentado ai tomando uma cerveja”, conta. Essa represália em que vive, está relacionada à linha editorial do veículo: denunciar o tráfico e o crime organizado. Para o jornalista, a diferença da produção jornalística da fronteira está no narcotráfico:

Para mim o jornalista tem que estar fuçando, olhando as coisas que estão ruins, as coisas que não estão funcionando, tirar isso para que possa ser instalada uma discussão e que isso possa acabar, né? [...] Aqui é impossível não falar do tráfico, porque essa cidade aqui está cheia de traficantes. Nós todo mundo sabemos que tem um cara aqui que anda com arma de guerra e ninguém faz nada. Então... Aqui, pra você trabalhar, na fronteira você tem que estar decidido. Você vai perder a privacidade, você tem que se preparar para receber três tipos de ataques.

Mesmo o entrevistado do impresso brasileiro, cujo perfil não é de um veículo investigativo, destacou: “no aspecto de fronteira o que mais preocupa é quando envolve a questão de segurança pública [...] tivemos um colega assassinado há pouco tempo. É mais fácil se planejar a morte de um repórter”. O mesmo foi frisado pelo jornalista paraguaio. Para ele, “aqui uma vida não vale nada. Se um cara morre aqui, é um cadáver só. Se foi torturado, morto, queimado, é notícia de um dia para mim eu mando lá tirar uma foto escrevo e acabou [...] Aqui nenhum crime foi esclarecido. Aqui a vida não vale nada”.

Ao investigarmos as estruturas dos dois jornais analisados na fronteira entre Brasil e Bolívia encontramos um cenário parecido. Mesmo sendo o jornal boliviano um veículo de circulação nacional, ele não fica além do impresso brasileiro que é de cunho local. Ao relatarem às estruturas das empresas que trabalham tanto o jornalista brasileiro quanto o boliviano apontaram a mesma questão: a de não poderem se especializar ou se dedicar a alguma área específica do jornalismo. Segundo o brasileiro, “não tem esse negócio de escolher não, caiu polícia é polícia, caiu política é política, se é esporte tem que entender de

formação de time. É tudo e tem que modular muito rápido”. O jornalista boliviano retrata a mesma situação:

Qualquer área, se ocorre um acidente, um assalto, temos que escrever sobre essa informação, temos aqui muitas coisas relacionadas ao narcotráfico, então também escrevemos a informação. Se há algum evento, aniversário dos povos. Enfim, nós cobrimos todos os eventos que são notícias. [...] Na estrutura da capital cada área tem seu jornalista, se é policial tem o especialista em polícia, se é economia tem que estar no critério de economia e aqui não.

Outro ponto que o brasileiro destacou foi o da falta de formação jornalística que os profissionais locais têm. “A gente ainda carece e muito. De cursos de formação jornalística, não tem formação na área aí o pessoa procura áreas afins. Então os jornalistas daqui vão se formando na escola do dia a dia”, diz. Segundo o entrevistado, o único local da cidade em que há profissionais formados é na filial da Rede Globo e nos poucos locais onde houve concurso que exigiu a formação específica na área como, por exemplo, na Embrapa. Já na Bolívia, quanto à formação o entrevistado comenta:

Temos universidades em La Paz, na Católica de Bolívia, por exemplo, aqui na fronteira estão abrindo agora a formação em comunicação. A maioria dos jornalistas da Bolívia é formada, alguns tiveram a oportunidade de sair para Europa, outros têm formação em especialidades como em ciências políticas. Mas há também os que estão há muito tempo e ganharam a confiança dos que estão dirigindo. Pela prática, pela trajetória que têm [...].

Todavia esse grau de profissionalização ocorre no país e não especificamente na fronteira. Muitos dos que atuam na área fronteiriça possuem formação por meio da prática diária, uma vez são poucos os profissionais especializados que querem trabalhar em uma localidade de fronteira.

Embora as condições de trabalho nos jornais sejam parecidas, os correspondentes dos veículos nacionais da Bolívia têm vantagens de terem mais tempo para a produção. Contudo, geralmente trabalham em mais de uma empresa. O entrevistado boliviano, por exemplo, trabalha para três empresas jornalísticas de seu país, uma rádio e dois impressos. Todavia, especificamente sobre a produção para o jornal nacional, ele conta que envia matéria ao seu jornal de duas a três vezes por semana. Já o jornalista brasileiro precisa escrever para o jornal local cerca de quatro textos por dia, uma vez que o impresso em que trabalha está também associado a uma página virtual.

Dos quatro jornalistas entrevistados, três possuíam formação acadêmica. Dois deles no próprio jornalismo e um em letras. Todos os entrevistados foram unânimes em apontar a falta de estrutura e o excesso de trabalho como fatores determinantes na produção jornalística.

Considerações

Acreditamos que a realização das entrevistas foi de fundamental importância para o estudo como um todo e essencialmente para a obtenção da ciência de que ao estudar gêneros jornalísticos é preciso também ouvir quem produz. Dois motivos nos levam a crer nisso, o primeiro é porque Bakhtin (2010) afirma que o domínio do autor sobre os gêneros, oferta a ele liberdade na escrita e o não esvaziamento de sentido da mensagem. Desta forma, verificar a compreensão que os jornalistas possuem sobre os gêneros faz-se relevante ao analisar a mensagem que ele produz.

O segundo motivo está em sabermos que a produção jornalística não depende só do interesse de quem a realiza, é necessário que haja toda uma estrutura que dê suporte ao jornalista. Alguns produtos jornalísticos podem exigir, por exemplo, o uso de recursos tecnológicos ou mais tempo para apuração e investigação e, para isso, faz necessário que a empresa jornalística dê condições de trabalho ao seu profissional. Devido a isso, também é necessário ouvir quem produz os gêneros jornalísticos para buscar saber em qual realidade ele está inserido.

No caso das duas fronteiras ficou claro que dos quatro veículos envolvidos nesta pesquisa, três não ofertam condições de trabalho suficientes para a elaboração de conteúdos que fujam dos formatos tradicionais de nota e notícia. A falta de estrutura, o excesso de trabalho e, especificamente na fronteira paraguaia a violência, foram constantes nas respostas obtidas.

Além disso, também ficou diagnosticado que há pouco domínio sobre o conceito de gêneros jornalísticos. E, ainda, os jornalistas estrangeiros tiveram mais clareza para explicar o que compreendiam sobre este conceito do que os brasileiros. Tanto o boliviano quanto o paraguaio diferenciaram entre informativo e opinativo, e o segundo ainda apontou sobre a falta de estudos em seu país nesta área. Já os brasileiros, um não soube explicar e justificou que não teve esse conteúdo na faculdade e o outro respondeu pela perspectiva dos tipos textuais, exemplificando com o descritivo, o que deve ter ocorrido pela formação em Letras que possui.

Sobre os formatos mais produzidos ficou claro tanto nas entrevistas quanto na análise dos jornais, que os mais produzidos são as notas e as notícias. Na análise morfológica dos jornais da fronteira paraguaia, por exemplo, identificamos que

No jornal brasileiro 130 dos 137 textos informativos são do formato notícia, ou seja, 94,89%; os outros sete restantes são do formato nota, o que representa 5,1 % dos textos informativos. Já no jornal paraguaio, dos 1050 textos informativos, 854 (81,3%) são notícias, 177 (16,85%) são notas, nove (0,85%) são reportagens, nove são entrevistas (0,85%) e um é errata (0,09%). (PEREIRA, 2013, p.89).

Além disso, podemos afirmar, ainda, que a realidade da fronteira é determinante na padronização desses formatos, seja pela violência, que impede investigações aprofundadas, seja pela falta de mão de obra especializada ou pelo excesso de trabalho.

Por fim, o que mais ficou claro para nós nesta pesquisa é a necessidade de ao estudar os gêneros jornalísticos também buscar compreender o contexto em que ocorre a produção. Acreditamos que analisar apenas o produto final pode acarretar em considerações errôneas, uma vez que passa a se desprezar as circunstâncias em que ele é desenvolvido. Não estamos defendendo que a academia deve reproduzir o que o mercado considera em suas produções, mas que deve ouvi-lo e refletir sobre para que, então, consiga avançar nos estudos e contribuir com a própria prática jornalística.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 5.ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo 2010**. Disponível em http://www.censo2010.ibge.gov.br/dados_divulgados/. Acesso em 15 de julho de 2012.

MARQUES DE MELO, José. **Jornalismo opinativo** – gêneros opinativos no jornalismo brasileiro. 3º Ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

MARQUES DE MELO, José; ASSIS, Francisco de. **Gêneros Jornalísticos no Brasil**. São Paulo: Universidade Metodista, 2010.

MARQUES DE MELO, José. Introdução. In: MARQUES DE MELO; ASSIS (Org.). **Gêneros Jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Metodista, 2010.

ASSIS, Francisco de; MARQUES DE MELO, José; LAURINDO, Roseméri (Orgs.). **Gêneros jornalísticos: teoria e práxis**. Santa Catarina: Edifurb, 2012.

OTA, Daniela Cristiane. **A informação jornalística em rádios de fronteira: a questão da binacionalidade em Ponta Porã-Pedro Juan Caballero e Corumbá-Puerto Quijarro**. São Paulo: USP, 2006. Disponível em:

http://www.pos.eca.usp.br/sites/default/files/file/dissertacoes/2006/2006-do-ota_daniela.pdf.
Acesso em 15 de junho de 2012.

PEREIRA, Clarissa Josgrilberg. **Entre limites e possibilidades:** o estudo dos gêneros jornalísticos nas fronteiras de Mato Grosso do sul. Dissertação de Mestrado. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2013.

POZZO, Aníbal Orué. **Periodismo em Paraguay – estudos e interpretaciones.** Asunción – PY: Arandurã Editorial, 2007SEIXAS, Lia. **Redefinindo os gêneros jornalísticos:** proposta de novos critérios de classificação. Labcom: 2012.

RIVADENEIRA PRADA, Raúl. **Gêneros presentes en la prensa boliviana.** Bolivia: Universidad de Andina, 1996.

SOUZA, José Carlos A. de. **Gêneros e formatos na televisão brasileira.** São Paulo: Summus, 2004.